

LITTERATURA

«Jerusalém» por monsenhor Pinto de Campos

Monsenhor Pinto de Campos, durante as férias parlamentares de 1869—70, empreendeu uma viagem á terra santa passando pela cidade eterna, e realisou-a como homem a um tempo religioso e erudito. O livro que temos presente é a historia circumstanciada dessa piedosa peregrinação. Membro do parlamento, dado ás lutas e agitações da politica, consequentemente sujeito ás suas naturaes fascinações, sobravam-lhe motivos para não empreender a viagem que fez, se acima das cousas profanas, ainda que nobres e honradas, lhe não fallasse na alma a fé christã e a pura saudade da patria do Evangelho. Nem era preciso que o distincto escriptor o declarasse no prefacio da obra. Um simples *touriste*, picado do desejo de espairecer os olhos, contentar-se-hia com as montanhas da Suissa ou a bahia de Napoles; um sabio ou um philosopho, levado do espirito de investigação, ou simplesmente do conselho de Montaigne, para quem era de mister ao homem —«frotter et limer sa cervelle contre celle d'autrui»—, guiarda talvez seus passos até ás terras da Escripura; mas só um christão e catholico nos traria de lá este livro.

Jerusalém ainda não exauriu a imaginação e a piedade dos fieis. Si os dias passam, como as aguas do rio, que não voltam mais, segundo a bella expressão biblica, a verdade christã é eterna, e a doutrina que produziu a moderna civilização, perdura e vive, com todo o seu virginal esplendor, no meio da incerteza e instabilidade dos tempos. Jerusalém, mais que nenhum outro ponto da terra, deve infundir no homem o sentimento da sua immortalidade, sentimento elevado e forte, que é o mysterioso correctivo daquella melancolia que ha de sempre inspirar o espectáculo das grandezas acabadas. Junto ao Pyreo ou ao pé de uma columna romana, a tristeza abaterá necessariamente a alma, si ella meditar na mobilidade da fortuna, nas obras passageiras da terra, nesta lei natural que é a mesma para os imperios e as flôres, com a só differença que vai dos dias para os seculos, que são os dias da eternidade. A obra dos hebreus não escapou á regra commum: pere eu, como tudo perece, não restando mais que um pouco de ruinas daquella Jerusalem que os seus prophetas comparavam á mulher bella e forte, e cujas desgraças tão tristemente cantou Jeremias. Mas a planta que alli brotou ha 18 seculos, é hoje arvore universal e eterna, formosa e viçosa, como nos seus primeiros dias. Quem lhe colheu o fructo apostolico, pôde entristecer-se com a vista abatida de Sião, mas no fundo da alma alguma cousa lhe fallará das immortaes esperanças de além-tumulo.

Monsenhor Pinto de Campos quiz naturalmente impregnar-se deste duplo sentimento de miseria e gloria naquella mesmo logar que viu a grandeza e a deshonra do povo hebreu. O contraste não podia ser mais vivo. Nado e creado em paiz de tão recente organização, onde os elementos de futuro são infinitos e escassos os do passado, terra infante e sem historio, o autor da *Jerusalem* achou-se, com pequeno intervallo, diante dos restos de uma civilização extincta. Pizou outras terras, é certo, que lhe diziam muita cousa do passado; viu Roma catholica assentada sobre as ruinas da pagã, como emblema vivo da historia, das lutas e do final triumpho ganho pelo christianismo sobre o derrocado imperio; e um dos mais bellos capitulos do livro é aquelle em que o autor compara as duas cidades, a santa e a eterna, dando a cada uma dellas o que lhe pertence, sem nada perder da veneração que um bom catholico deve ao berço como ao throno do christianismo; viu o Egypto, sólo calcado de tantos heróes, e que tamanho logar occupa nos annaes israelitas e christãos; tudo isso contemplou com a austeridade de religioso e philosopho. Mas as suas mais fundas impressões, recebeu-as diante de Jerusalem.

O livro que nos apresenta agora não é só a narração da viagem, mas tambem, e em grande parte, um repositorio de muita e boa noticia. Um dos fins do autor foi, sem duvida, pôr ao alcance das intelligencias meos abastadas de lição sagrada um quadro circumstanciado do mais lastimoso

theatro e da maior tragedia que enlutou as paginas da historia humana. Não se limitou a contar o que viu e sentiu: fez mais: colheu da historia e das tradições o que mais propicio e adequado lhe pareceu aos intuitos de instruir.

O methodo adoptado parece-nos bom. Depois de narrar e descrever, a traços largos, o que não é propriamente Jerusalem, e fazel-o sem excesso nem fadiga, como conversador diserto e elegante, pára o autor em frente da cidade Santa, e, antes de nol-a descrever, abre dous capitulos de introdução, demonstrando no primeiro, com os prophetas e os successos contemporaneos e posteriores ao crime da Judea, a divindade do filho de Maria, e narrando no segundo, em substancia, a vida e morte do Homem-Deus. O primeiro desses capitulos é um dos melhores do livro; tudo quanto, em ambos os Testamentos, se lhe deparou adequado ao pio objecto que emprehen-dêra, tudo condensou em algumas paginas que por si sós merecem lidas e meditadas. A vida de Jesus é um resumo breve, claro, exacto e substancial do que vem referido nos Evangelistas, e feito com o escripto e devoção que se devem esperar de um sacerdote, e a singeleza de estylo propria do assumpto.

Exposta a vida e provada a divindade da Victima, começa a descripção minuciosa do theatro da Paixão, extra e intramuros, muralhas, portas, ruas e todos os demais sitios notaveis, trabalho vasto em que o leitor acha compendhada muita e variada lição, e que não pôde ser analisado em um artigo rapido como este. Achan-do-se já costada a vida de Jesus, o leitor encontra apenas, em cada sitio que se lhe descreve, a narração do episodio correspondente. O Calvario é a pagina ultima.

Excellento no methodo, não menos o é este livro na gravidade e vigor do estylo, na pureza e boa feição da linguagem. Monsenhor Pinto de Campos já nos havia acostumado a esses predicados litterarios; e na obra que temos presente mais uma vez se revella quão familiares lhe são os mestres do estylo e da lingua, e como elle os versa com aquelle amor e afinco tão necessarios ao officio de escrever. A bella roupagem não prejudica o pensamento; uma vez que este se não sacrifique, todo o apuro em o vestir é pouco. Victor Hugo (conta o Mme. de Girardin) conversando, certa noite, de estylo e poesia, brincava ao mesmo tempo com um alfinete, então muito em moda, feito de uma mosca natural engastada em ouro. « *Tenez, disse o poeta, voilà justement ce que c'est que le style; seule, cette mouche n'est qu'un insecte; avec la monture, c'est un bijou.* » Definição que me agrada (accreditada a escriptora), pois nada obsta a que se engaste um diamante.

Si para cousas divinas podem servir estas comparações terrestres, diremos que o assumpto da *Jerusalem*, é o diamante que o escriptor brasileiro engastou em ouro de lei; e por isso, ainda uma vez nos congratulamos com as letras sagradas e profanas. Estas haverão dalli o brilho que lhes pertence; aquellas folgarão com a solemne e pia homenagem ao Salvador do mundo.